

## 4ª Conferência

### Alienação e libertação da Bíblia (1)

Minha tese é: Não somente a igreja caiu no cativeiro da política, mas a própria Bíblia. Na última conferência tentei expor como isto aconteceu com a igreja; como os senhores políticos se apoderaram do culto, utilizando-o para fins políticos reacionários, o mesmo ocorrendo com o ensino religioso na escola. Com uma naturalidade que chega às raias da blasfêmia, reis e ministros falaram, naturalmente não de público, de que os sentimentos profundos que são provocados pela religião, deveriam ser utilizados a fim de tornar as pessoas imunes às idéias democráticas. Hoje devemos falar a respeito daquilo que aconteceu com a **Bíblia**, porque afinal ela não pode atuar contra o abuso político do evangelho. Minha tese é a seguinte: também a Bíblia caiu no cativeiro de uma ideologia reacionária. Nela foi introduzida uma imagem do ser humano que não se encontra nela; também a imagem de Jesus e a imagem de Deus foram deturpadas. Desse modo aconteceu que a própria comunidade nem mais sequer percebeu que estava sendo iludida com um evangelho deturpado. Mais exatamente: Tratava-se de um evangelho encurtado sem ser afiado, tratava-se de um Jesus amansado que se confrontava com ela e tratava-se de um Deus que dava mais temor do que coragem.

Esta alienação da Bíblia se assemelha à alienação do culto, da qual falei na última conferência. Não houve ordem nenhuma de um monarca de que se devesse entender a Bíblia assim ou assado. Pois a exposição da escritura que Lutero havia confiado aos pregadores, não era questão dos príncipes, dirigentes da igreja. O processo foi mais sutil e não permaneceu restrito à igreja luterana. Ao contrário, abrangeu **todas** as igrejas cristãs, algumas mais outras menos, na medida em que entraram em uma aliança com o poder estatal, identificando-se com a sociedade existente. (A comunidade neotestamentária ainda não se identifica com o seu ambiente; ela é uma espécie de contra-sociedade, "luz nas trevas", isto ela deve ser, assim ela se entende a si mesma. Igrejas pequenas e pobres mantiveram, parcialmente, algo desta autocompreensão. Mas isto não vale para as igrejas grandes, como são as igrejas luteranas territoriais).

Pode-se dizer: A imagem do ser humano que cabia para a sociedade existente ou que correspondia à camada social que cunhava sobretudo a igreja foi introduzida, imperceptivelmente, também na Bíblia. E, quanto mais a comunidade se desacostumava do próprio agir e da própria participação na sociedade, tanto menos ela fazia experiências próprias que pudessem corrigir esta imagem do ser humano, desta sociedade. Tais experiências próprias poderiam ter contribuído para a redescoberta de traços reprimidos no falar bíblico a respeito do ser humano, de Jesus e de Deus. Mas não houve esta experiência própria. O que ocorreu nós podemos chamar de eis-exegese, aos invés de exegese. (A palavra eu ouvi certa vez de um pastor) Ao invés de expor o significado da Bíblia, os cristãos, pregadores e comunidades inculcavam o sentido que lhes vinha da própria sociedade.

Se isto confere com a realidade, trata-se de um conhecimento alarmante para uma igreja da palavra. Isto significa que a Bíblia que Lutero havia devolvido à igreja, se perdeu mais uma vez, pelo menos em partes importantes. Desta vez ela não se perdeu pelo fato de um papa monopolizar sua explicação, não, desta vez ela se perdeu de um modo muito mais sutil. O diabo não entra duas vezes pela mesma porta! Se ele, porém, vier pela segunda vez, será muito mais perigoso do que da primeira.

Minha segunda tese é, pois: Se a Bíblia deve nos libertar outra vez, de modo que nos tornemos capazes para a ação, então ela mesma deve ser libertada em primeiro lugar. Ou melhor, trata-se de um processo mútuo. Quando a comunidade tenta se libertar dos senhores imanentes que lhe impõem proibições de pensamento e proibições de ação, então ela mesma obtém uma visão mais livre da Bíblia e eis, aí, a Bíblia começa a falar de modo renovado, com nova voz. Aqui eu tomo em conta uma ressalva importante. "A comunidade" ouço perguntar "a comunidade não entende nada. Como ela começará uma nova exegese? Não temos para tanto especialistas, a saber, os exegetas do Novo e do Antigo Testamento? Não é questão deles nos abrir o sentido da Bíblia?"

Certamente, assim deveria ser. O que ocorre, porém, se a exegese das universidades, talvez ela mesma, se encontra sob a maldição de uma imagem falsa do ser humano. Se ela está, de um lado, efetuando um trabalho excepcional no campo histórico-crítico, mas mesmo assim nos deixa na mão no campo decisivo?

Examinemos a questão à base de um exemplo que já conhecemos. Trata-se da terceira prece do Pai Nosso: "Seja feita a tua vontade". Vimos como na comunidade esta prece geralmente é mal entendida, de modo que cabe melhor na filosofia de um estóico do que na mensagem de Jesus. "Seja feita a tua vontade", isto soa para a maioria dos cristãos como pedido de uma submissão à

fatalidade: Ajuda-me a que eu não me rebele, mas que eu aceite tudo como ocorre. Em três decênios de atividade eclesial não encontrei nenhum grupo comunitário, nenhuma classe de aula que tivesse descoberto por si mesma qual o sentido real desta prece: o ímpeto escatológico, assim dissemos, o anelo de que a vontade de Deus, feita já agora no céu, seja, feita, finalmente, na terra e irrompa aqui, o pedido pela transformação final temporal do mundo. Acrescente-se que este sentido da prece já surge a rigor do seu próprio texto, fortalecido ainda mais pela proximidade da segunda prece: "Venha o teu reino", a saber, a nós... Mais ainda, neste exemplo, deste texto, temos todo o peso dos especialistas das universidades do nosso lado. A redescoberta do sentido escatológico desta prece não é algo novo, ela também não provém da luta da comunidade libertadora de nossos dias, tampouco provém ela da "esquerda". O horizonte escatológico de toda a mensagem de Jesus é conhecido para a exegese científica desde aproximadamente cem anos. Qual foi, porém, a consequência? Será que ele, o Jesus que ensinava escatologicamente, chegou, através das faculdades, até os púlpitos e às salas de aula para mobilizar os cristãos? Será que lá se ouviu: "Ouça, cara comunidade, Jesus não ensinou a submissão. Ele queria que a vontade de Deus se fizesse na terra. Se nós oramos por isto também devemos fazer algo por isso. Não é assim que nós pudéssemos provocar o reino de Deus ou estabelecer um paraíso na terra, mas assim que a nossa ação deve efetuar primeiros passos na mesma direção em que já se acelera nossa oração. Portanto, cara comunidade, aí está a miséria do proletariado, lá estão os planos de guerra da macro-indústria. Vocês crêem que isto seja a vontade de Deus? Certamente não. Portanto, vamos mostrar o que nós cremos e fazer algo contra isso!" Sim, ouvia-se isto em torno da passagem do século?

Ao contrário. O Jesus escatológico foi, de um lado, redescoberto na exegese das universidades, mas em verdade ele era incômodo para os próprios exegetas. Seu caráter estranho foi tão grande, sua paixão pela transformação do mundo tão irritante, diante da imagem que se tinha de um piedoso homem de Deus, que a redescoberta da perspectiva escatológica a princípio até foi combatida; nem todos os pesquisadores puderam aceitá-la. Sobre tudo, porém, o caráter estranho desse Jesus levou a que ele permanecesse um tema especial dos doutos neotestamentários. A partir de então houve, de um lado, um Jesus dos especialistas, um profeta entusiástico que tinha esperado e querido uma coisa que, naturalmente, não veio e, de outro lado, um Jesus da comunidade que já de muito antes admoestava a não se esperar muito e querer muito para a terra, mas que ao invés disso recomendava a submissão e o esperar o além.

Vemos, portanto, nem sempre podemos nos basear nos especialistas. Honra a todo o seu trabalho e a todos os seus resultados, mas quem nos protege diante da possibilidade de que seus resultados sejam neutralizados ainda antes que sejam transmitidos às comunidades. Ela, a comunidade, continuou a orar um Pai Nosso estóico, quando os especialistas já há muito sabiam que seu sentido era outro...

É interessante que no mesmo tempo em que os exegetas profissionais, por assim dizer, se envergonhavam do entusiasta fanático Jesus, outras pessoas também redescobriam a sua mensagem escatológica (denominavam-na de sua mensagem "messiânica"). Tenho em mente os socialistas religiosos precoces, a princípio deste século, sobretudo Leonhard Ragaz. Tratava-se daquelas pessoas que entraram no antigo Partido Social Democrata a fim de trabalhar para a libertação do proletariado como cristãos, juntamente com os marxistas. Isso, em um tempo em que o Imperador Guilherme ainda empregava o ensino da religião nas escolas contra a democracia social.

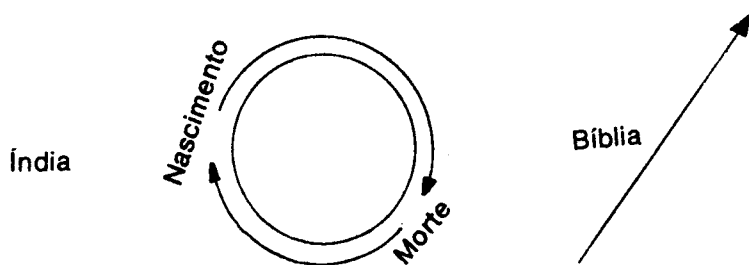
Seria bom, se tivéssemos aqui ainda o tempo de permanecer lidando com os socialistas religiosos. Eles pertencem aos nossos ancestrais. Não por coincidência, mais tarde Karl Barth e Paul Tillich são seus representantes. Mais importante agora para nós é a seguinte questão: Qual é a razão para o fato de que alguns poucos pastores que trabalhavam na base, empregaram a vontade escatológica de Jesus no campo político, enquanto maioria dos exegetas, embora reconhecendo a vontade escatológica desse Jesus, de modo algum a utilizou na formação de seus estudantes como uma perspectiva diretora, mas ao contrário a deixou voltar para trás como uma espécie de fanatismo amável, que não se deveria levar muito a sério? Creio que a resposta é simples. Os especialistas liam a Bíblia como especialistas. Redescobertas tinham para eles valor científico, mas não tinham muito a ver com a sua fé. Dito de outro modo: Os exegetes esclareceram as suas concepções do Jesus passado e do seu tempo. Não criam, porém, que pudessem aprender dele para o seu próprio tempo algo de novo. Sua fé e suas intenções já estavam prontas quando liam a Bíblia; não esperavam mais nada dela. Os outros, porém, os socialistas religiosos, liam, simultaneamente, em dois livros. Eles liam na Bíblia e liam também em seu próprio tempo, principalmente nos seus capítulos mais obscuros. Eles viam a miséria do proletariado e isso não os deixava em paz. Eles tinham que perguntar pelas causas e tinham que encontrar em sua fé uma perspectiva que lhes desse uma orientação para o agir. E, assim, encontraram a linha escatológica em Jesus e na Bíblia por interesse existencial e não por novidade científica.

E assim permaneceu. Em toda a parte do mundo, hoje,

crístãoscomeçam a entender que nós malentendemos Cristo em muitos pontos, que a Bíblia deve ser libertada. Os agricultores de Solentiname, com Ernesto Cardenal, lendo o evangelho, as pessoas no devocional político em Colônia, o francês Cardonell nas suas meditações ou Dom Helder Câmara: em toda a parte se acusa uma compreensão da Bíblia que não teve papel **nenhum** em nossa educação cristã. Eu poderia também mencionar a Holanda ou os Valdenses, na Itália, ou, já a bastante tempo, Martin Luther King, nos Estados Unidos. Foi encetado um grande movimento. Não são, porém, os **especialistas** que encetam este processo, ele começa na base. Ele começa lá, onde se lê em dois livros, a Bíblia e o livro do sofrimento da humanidade em nosso tempo.

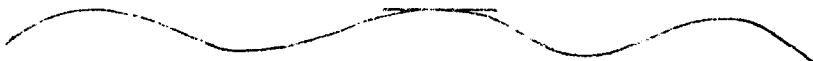
Quanto aos peritos, há na Alemanha, um ditado muito interessante para eles: Não vêem mais o mato de tantas árvores que há. Ou, então, com uma palavra de Jesus, de Mt 23: "Coam mosquitos do leite, mas engolem os camelos".

Cheguemos à questão. Qual foi o camelo que aí foi engolido, quando o Jesus escatológico foi neutralizado? Deixou-se de ver, nesta questão, algo que é fundamental para a compreensão da Bíblia, a saber, que neste livro a história da humanidade tem um alvo. Israel saindo do Egito, Abraão saindo da Caldéia, os profetas falando do reino do Messias, ou Jesus ensinando o Pai Nosso, a comunidade cristã aguardando a chegada do reino de Deus e festejando já a sua erupção, — não é um círculo que gira em torno do mundo, a história tem um alvo. É precisamente isso que distingue a Bíblia do pensamento asiático. Ali há um eterno retorno do sempre mesmo. Podemos divizá-lo na roda da fatalidade da Índia: da morte para o renascer, daí novamente para a morte. Nesta roda o ser humano é carregado até que ele, como indivíduo, sai para fora da história e afunda em deus. No pensamento índico o mundo não tem um alvo.



Neste segundo esboço eu me lembro de um sociólogo, Max Weber, que considera esta imagem da história como aquela imagem que as classes inferiores fazem da história. As classes inferiores

experimentam: Deve haver uma ascensão, assim como está não pode permanecer. As classes superiores, porém, têm uma outra imagem da história:



No mundo tudo sobe e desce, sem sentido. Há os altos e baixos da onda. E, já que se pertence à classe superior, a gente faz bem em não querer avançar muito, porque a gente só pode perder, quando desce, depois de haver estado por cima. Conseqüentemente as classes superiores são conservadoras.

Até aqui Max Weber. Será que a Bíblia está do lado das classes inferiores? Vamos discuti-lo. Em todo o caso, a cristandade que no decorrer de sua história tem sido dominada não pelas classes inferiores, mas pelas classes superior e média, está tão desacostumada desse pensamento, de que a história tenha um alvo que a gente já incorre na suspeita de comunismo se lembrar disso. De fato, nós delegamos, em grande parte, ao comunismo a esperança para o mundo que, em verdade, pertence ao bem bíblico, próprio nosso. Assim o expressaram aquelas alunas que já citei: "Os marxistas crêem que a gente pode melhorar o mundo e nós sabemos que isso não dá."

Inversamente nós chegamos mais próximos da realidade. A doutrina de Karl Marx, provavelmente, só poderia ser desenvolvida em um espaço histórico cunhado pela tradição judaico-cristã. Da Índia ela não podia provir, também não da velha China. Pois onde não acontece nada de novo, mas tudo se move em um círculo, lá não se pode pensar numa sociedade feliz do fim dos tempos. Nesse sentido a doutrina de Marx não é nada mais que a secularização da esperança messiânica. Essa nós devemos reconquistar.

O que sobrou disso para a Igreja foi a esperança num "além". O mundo parecia imutável; contudo, esta frase não se encontra na Bíblia. Deve-se sempre de novo dizer isso alto e bom som: Em toda a Bíblia não se encontra que o homem não seja capaz de organizar o seu mundo melhor do que atualmente é. E, demos uma olhada no outro livro, o livro do mundo hodierno: lá a frase também não se encontra. Um exemplo: Movimentos de libertação, hoje, na África, ou, anteriormente, em Cuba ou no Vietnam, quando conquistam uma parte de seu país, fazem, em primeiro lugar, duas coisas, estabelecem imediatamente escolas para crianças e adultos e também estabelecem o cuidado médico para toda a população, sem que ela tenha que pagar por isso. Lá ninguém precisa ir à Umbanda porque o médico é muito caro. Entre parênteses: Para este fim, para estas atividades são usados os dinheiros do fundo de

antirassismo do Conselho Mundial de Igrejas. A gente gostaria de dizer: Finalmente, uma vez a igreja está de novo do lado certo. Contudo, eis que já se ouvem aquelas vozes que dizem: politicamente a igreja não deve estar de nenhum lado. Isto é unilateral! Será que a igreja precisa ter dois lados? Não se estragar com nenhum lado? Ou vogar acima de todas as frentes? O que diz a Bíblia a respeito disso?

Aqui nos encontramos no segundo grande tema que deve ser esclarecido se queremos ser capacitados para a ação. Minha tese é: Não somente a perspectiva escatológica da Bíblia se perdeu, também o seu caráter partidário. A fé assume, claramente, um lugar no mundo, a saber, ao lado dos pobres e oprimidos. Sim, já antes que os próprios oprimidos lutem, o Deus da Bíblia está no plano e envia os seus mensageiros que atacam os opressores. Vejamos alguns exemplos.

O princípio da confissão de fé do Antigo Testamento é configurado pela saída do Egito. "Saída", isso parece algo banal, como que um piquenique ou uma mudança. Em verdade trata-se de uma greve em grande estilo. As forças de trabalho deixam o trabalho e o lugar de trabalho. O Faraó que construa suas próprias pirâmides! Deus, porém, não diz, nem manda Moisés dizer: "Escutem, israelitas, vocês também devem ter um pouco de compreensão para com o Faraó. Afinal ele já investiu um bocado de dinheiro nas suas pirâmides, isso não pode ser tudo perdido. Sede razoáveis e continuai mais um pouco..." Nada disso, Deus era partidário... — Já mencionamos Amós. A injustiça que ele atacou foi o bom negócio que uma parte fazia com a pobreza da outra parte. Depois de um fracasso de colheita, quando o trigo dos pequenos agricultores não era suficiente para a sobrevivência até a próxima colheita ou para o novo plantio, ali os que estavam em melhores condições emprestavam o trigo para os mais pobres com grandes juros. Se depois não podiam pagar, então o pobre era, dizia Amós, "vendido por um par de sapatos", ou seja, caía na escravidão da dívida. Juridicamente não havia nada a opor a isso, a injustiça não consistia em que regras da justiça tivessem sido transgredidas. A injustiça consistia simplesmente no fato de que os pobres não podiam mais viver. E Deus era partidário.

Sim, ouço dizer, isso é o Antigo Testamento. Desde Jesus tudo é diferente; ele está aí para todos. Segundo os relatos dos evangelhos, ele não se encontrava tanto na casa do fariseu quanto na casa do publicano? E assim também os cristãos devem estar aí para todas as pessoas. Harmonia é a sua tarefa, "interclassismo" como dizem os italianos. Como é que vão pregar a reconciliação, se eles assumem um partido ao invés de pregar o bem a todos os lados.

Aí o temos novamente: a política devora o evangelho. Politicamente deseja-se aquele cidadão que se mantém em paz, que não faz greve, que também não se torna notável por sua tomada de partido; e já esta imagem é introduzida no evangelho. Será que nós nos deixamos ofuscar assim? Sim, realmente Jesus está aí para todos, para os fariseus até ainda mais do que para os publicanos; a maioria de suas parábolas são contadas para eles, os fariseus. Mas ele está aí para ambos os lados de um modo distinto. Os publicanos ele convida, os fariseus ele ataca e de modo nada brando. Ou trata-se de um sinal de carinho se os chama de "raça de víboras" ou lhes lança em rosto tais coisas como as encontramos em Mt 23 no grande discurso contra os fariseus? Devemos também verificar uma vez as conversações à mesa que ele mantém: o que deve ouvir o fariseu que o convidou, em Lc 7? Que a prostituta que ungiu os pés de Jesus compreendeu mais do que ele, o senhor piedoso. Que ataque significavam as curas no sábado naquele tempo, isso hoje só podemos imaginar.

Provavelmente nos acostumamos a entender a "reconciliação" de um modo muito barato. Como se fosse um encobrimento das contradições ao invés de suportá-lo e procurar uma solução. Se a gente encobre as coisas isso significa, politicamente, que de qualquer modo se está do lado dos opressores, mesmo se esta não é a intenção. Pois são sempre os poderosos que têm interesse em que não seja descoberto o que realmente ocorre. E são sempre os sofrendores que têm interesse em que as causas de seus sofrimentos sejam, sem quartel, descobertos e eliminados sem consideração. Só se pode estar de um lado, ou com outras palavras: o centro já sempre é direita.

O engano parece ocorrer já aí onde cristãos, sem cogitar com mais detalhes, repetem o que uma boa parte da filosofia ocidental lhes promete, a saber, que o ser humano, afinal de contas, sempre é o mesmo. Este ser humano é uma abstração. Não é típico para a Bíblia. Nela trata-se de seres humanos concretos em uma situação concreta; estes são os destinatários do falar de Deus e da exortação de Jesus. Quanto à situação concreta relaciona-se, sobretudo, a seguinte pergunta: Essas pessoas têm poder sobre outras ou, inversamente, estão dependentes ou sob o poder de outras pessoas? Conforme a perspectiva os problemas são resolvidos, mesmo dentro da própria comunidade neotestamentária, de um modo diferente. Por exemplo, nas comunidades de Paulo havia a questão se se devia ainda manter a lei ritual da religião judaica, mesmo como cristão. Formam-se partidos nas comunidades a respeito desta questão e Paulo tem que se ocupar com ela diversas vezes. Ele, como ex-fariseu convertido, sabe que como cristão não é mais necessário manter a lei. Circuncisão, evitar a carne sacrificada,



o sábado, tudo isso não é mais importante. E, com isso, a questão estaria "afinal" solucionada. Mas, para Paulo o problema concreto das comunidades ainda não está resolvido com isso; agora começa a reflexão. Pois na prática ambos os grupos da comunidade devem conviver; há, portanto conseqüências práticas. Para os cristãos legalistas rígidos é proibido, por sua tradição, comer junto com os cristãos liberais e livres da lei, ou seja, também celebrar a Santa Ceia. Isto é, por exemplo, um tal problema prático. Qual o lado que deverá ceder? Paulo decide-se três vezes, e, três vezes de modo diferente. Na Galácia: os cristãos legalistas devem ceder; os outros não devem se deixar oprimir por eles. Em Corinto: os livres da lei têm em verdade razão, mas devem tomar os legalistas em consideração, pois, senão, estes poderiam ficar inseguros. Na carta aos Romanos: Cada um dos dois partidos deve ter certeza em sua opinião. Ambos querem, a seu modo, servir a Deus, portanto não devem tomar a questão como sendo mais importante do que ela realmente é. — O que significa a diversidade destas respostas? Se não fosse Paulo nós presumiríamos que ele mesmo não sabia bem o que queria. Mas isso não é de se esperar dele; ademais em todos os três casos ele fala muito apoditicamente. Se nós olharmos com mais atenção, teremos diante de nós precisamente aquele elemento que nós tão facilmente esquecemos: o elemento do poder. Na Galácia o poder e a influência se encontram nas mãos dos legalistas, eles tentam impor aos outros a sua forma de cristianismo. Quem conhece a política eclesiástica mais de perto sabe quão freqüentemente em nossas igrejas eles teriam conseguido a vitória, tão somente pelo fato de serem o partido mais forte, mais influente. Paulo argumenta justamente no sentido inverso: apaixonadamente ele assume o partido daqueles que estão em vias de serem oprimidos. Em Corinto a situação é inversa, os legalistas encontram-se na minoria. Paulo os protege inclusive contra o deboche e a ironia. Ele diz aos outros: "você, em verdade, têm razão, mas isso não é o mais importante no mundo. Amem os irmãos mais fracos e por amor a eles mantenham também a lei ritual, quando estiverem com eles." Em Roma o problema do poder entre ambos os grupos ou não existia ou não era conhecido por Paulo que também não conhecia esta comunidade. Uma questão, três decisões, porque três vezes a situação de poder era diferente. "Na dúvida em favor dos fracos", a perspectiva se dirige para baixo, como na Bíblia sempre, assim também nestas questões. Diante de limites tão claros que a Bíblia aqui nos apresenta, o nosso falar de reconciliação e harmonia realmente parece oco. Observemos a diferença mais uma vez com clareza ao observarmos que conseqüências se derivam daí para a questão, politicamente tão importante, da tolerância. Se seguirmos a admoestação da Bíblia, então a tolerância não deve ser, simplesmente,

identificada com qualquer forma de pluralismo. Muito mais importante é que aprendamos a pergunta: quem deve ser tolerante? Mais claramente: quem deve ser tolerante, os de "baixo" em relação aos de "cima" ou inversamente? E aprendemos que a palavra "tolerância" em ambos os casos, realmente tem um significado totalmente diverso. A tolerância a partir de baixo é equivalente a submissão; eu deixo que aqueles lá em cima façam aquilo que querem, embora não esteja de acordo e também contradiga os meus interesses, eu também não posso fazer nada. A tolerância a partir de cima, porém, tão rara quanto corvos brancos, significa: Algo se movimenta na base que não é manipulado, dirigido por mim que estou em cima. Ai se movimenta algo contra a situação estabelecida que me levou para cima. O que ali se movimenta é vida e eu não vou oprimi-lo. Em outras palavras: A tolerância a partir de cima significa que o poder é entendido como delegação e não como privilégio. Quando isto ocorre de livre e espontânea vontade, trata-se de um milagre de Deus. Bem, milagres ocorrem e nós conhecemos alguns, p.ex. sob o nome de Dom Helder Câmara. Eles mostram o que para o homem, em verdade, é possível.

Mas na política geralmente não podemos esperar por milagres. Eles são por demais raros e entrementes, por demais oprimidos, sucumbem. Isso nos traz para o último tema de hoje que nos deve ocupar pelo menos brevemente. Por demais facilmente nós esperamos todo o bem ou também todo o mal na política de pessoas individuais que se encontram no poder. Eu mesmo dei ocasião para isto nesta palestra ao empregar diversas vezes o nome de Hitler. Mas eu espero que também tenha tornado claro que ele não poderia ter realizado sua obra de desgraça se tivesse havido uma igreja vigilante e, em consequência, um povo vigilante. Que o povo e a igreja não estavam despertos e vigilantes, isto vimos tinha como razão, sobretudo, uma estrutura política falsa, ou seja, o famoso episcopado supremo dos príncipes territoriais. O que eu não mencionei aqui são estruturas econômicas que existem como pano de fundo e que tornaram possível esta evolução desgraçada e também a tomada de poder por Hitler. O que eu, porém, ainda quero dizer aqui com toda a brevidade necessária é o seguinte: Para o pensar da Bíblia o mal bem como o bem não se encontra somente na intenção de pessoas individuais, mas também nas estruturas. As estruturas devem ser de tal modo que todo aquele que se encontra em cima, isto é, que todo aquele que de momento detem as rédeas é impedido de abusar de seu poder ou de transformá-lo em um super-poder imbatível. Dou aqui um exemplo do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento. No Antigo Testamento há o Ano do Jubileu que deve tornar impossível que alguns poucos se apropriem de toda a terra. Quem teve que vender a sua terra a obterá de volta

depois de um determinado número de anos, ou ele ou seus herdeiros, de modo que ninguém vai empobrecer totalmente. O comprador, em verdade, só compra a colheita de alguns anos. Isto é uma boa lei e a lei pertence às estruturas. E se ainda tivesse havido uma boa possibilidade de controle, então não poderia ter havido em Israel uma aguda contradição de rico e pobre. O meio de produção da época antiga, o solo, pertencia, em verdade, a todos. Modalidades de controle, porém, podem ser criadas. No Novo Testamento vemos como já nas primeiras comunidades surgem novas estruturas. Eu penso, por exemplo, no estabelecimento de um novo ministério, o diaconato, em favor dos pobres na comunidade, e penso também na tentativa de compartilhar os bens. Ainda no século IV escreve o patriarca Crisóstomo que todo o mal do mundo provém da propriedade privada. Ele se pergunta, por exemplo, porque não ocorrem processos em torno da praça do mercado. Resposta: Porque a praça pertence a todos. Em torno de casas particulares e em torno de outra propriedade privada surgem freqüentemente disputas que chegam a levar à morte. Portanto, seria muito melhor abolir a propriedade privada... A controvérsia em torno da regulamentação da propriedade privada nunca se acalmou totalmente na cristandade. Os mosteiros recomeçaram com a comunhão de bens e outros grupos, como os anabatistas, tentaram algo semelhante. Em tudo isso, porém, se encontra também o conhecimento bíblico de que não somente pessoas individuais devem ser convertidas, mas também estruturas sociais modificadas, quando elas abrigam o mal e levam a ele, como ocorre num sistema econômico baseado na competição desenfreada.

Conhecemos hoje três alienações que ocorrem com a Bíblia e que, para nosso prejuízo, nem de longe estão sendo divisadas por todos os cristãos: a perda da perspectiva escatológica e da esperança para o mundo; a perda da tomada de partido por parte da Bíblia e da percepção para o fator poder; a restrição do mal ao coração individual e a cegueira para o mal nas estruturas.

Vemos que a Bíblia não é apenas um livro santo; ela é também um livro muito interessante se nós, perguntando politicamente, dela aprendermos. Então, ela se liberta a si mesma e – também a nós.